



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

SAMILY GABRIELI DA SILVA LUZ

**QUANTIFICADORES NÃO CANÔNICOS USADOS PELA COMUNIDADE
LGBTQIAPN+: uma análise funcionalista**

ABAETETUBA-PA
2025

SAMILY GABRIELI DA SILVA LUZ

**QUANTIFICADORES NÃO CANÔNICOS USADOS PELA COMUNIDADE
LGBTQIAPN+: uma análise funcionalista**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

ABAETETUBA-PA
2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

L979q Luz, Samily Gabrieli da Silva.
Quantificadores não canônicos usados pela comunidade
LGBTQIAPN+ : uma análise funcionalista / Samily Gabrieli da
Silva Luz. — 2025.
32 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Robson Borges Rua
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua
Portuguesa, Abaetetuba, 2025.

1. Funcionalismo. 2. Quantificadores não canônicos . 3.
Comunidade LGBTQIAPN+. I. Título.

CDD 410

SAMILY GABRIELI DA SILVA LUZ

**QUANTIFICADORES NÃO CANÔNICOS USADOS PELA COMUNIDADE
LGBTQIAPN+: uma análise funcionalista**

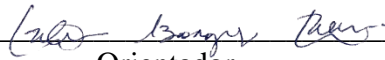
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Robson Borges Rua

Data de aprovação: 11 / 09 / 2025

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

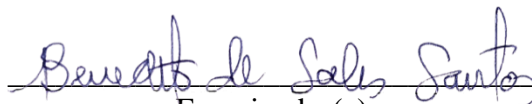


Orientador

Prof. Dr. Robson Borges Rua - UFPA

Examinador(a)

Prof. Dr. Marcelo Pires Dias - UFPA



Examinador(a)

Prof. Dr. Benedito de Sales Santos - UFPA

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente a Deus, pois foi Ele quem me deu forças para não desistir nos momentos de fraqueza, e sabedoria para a construção deste projeto. Obrigada, Pai, pela realização deste sonho!

Agradeço a minha tão amada mãe, nomeadamente, Ana Paula, pelo amor incondicional e por sempre estar ao meu lado. Admiro toda garra e dedicação que sempre teve para criar eu e os meus irmãos. Você é meu exemplo de força, de superação e de amor. Tê-la como mãe é um presente divino. Esta conquista é para você, assim como todas as outras sempre serão.

Aos meus avós, Jorge Pinheiro e Ana Maria, que por muitas vezes fizeram o papel de maravilhosos pais, me acolhendo, me educando e me amando desde sempre. Obrigada por tanto! O apoio e os valores a mim repassados por vocês, foram imprescindíveis para que eu chegasse até aqui.

Agradeço, especialmente as minhas tias, Adriane Prestes e Andreyra Prestes, pois elas são as responsáveis pela realização deste sonho. Sendo mulheres inteligentes e admiráveis, que prezam pela educação, sempre me ajudaram no que foi necessário e estiveram ao meu lado me incentivando e me impulsionando para continuar no caminho dos estudos. Esta conquista também é de vocês!

Às minhas famílias Luz e Prestes, a presença de vocês nessa trajetória foi fundamental para que eu recarregasse as energias, pois vocês foram responsáveis por muitos momentos alegres, carinhosos e descontraídos. Vocês são a minha base.

À minha namorada, Beatriz, que se tornou minha melhor amiga, pois foi com ela que partilhei as inseguranças, os medos, os dias tristes e, também, as alegrias e pequenas conquistas que fizeram parte dessa trajetória. Seu amor, seu apoio e todo cuidado foram muito importantes.

Ao meu orientador Prof. Dr. Robson Borges Rua, que de forma muito comprometida, organizada e empenhada conduziu-me para a construção deste artigo. Seus ensinamentos foram muito valiosos em minha trajetória acadêmica. Meu muito obrigada!

Ao meu grupo da faculdade, nomeadamente “Nosso L”, por partilharmos os conhecimentos, as dificuldades, o desespero, as fofocas, as risadas e, principalmente, o apoio e incentivo em todo o tempo de curso. Desejo sucesso a todos vocês.

Aos informantes, por aceitarem participar e contribuir para a realização desta pesquisa. E a todas as pessoas que, de alguma forma, ajudaram para a realização desse trabalho.

Minha eterna gratidão!

RESUMO

Este artigo tem o seu foco voltado para a análise dos quantificadores não canônicos usados pela comunidade LGBTQIAPN+. Tendo como direcionamento a teoria funcionalista, este estudo busca apresentar e analisar estruturas linguísticas que, na tradição gramatical, não são conceituadas como quantificadores, porém, no pajubá (linguagem usada pela comunidade LGBTQIAPN+) foram ressignificadas para tal fim comunicativo. Nesse sentido, para embasarmos este trabalho, a pesquisa é fundamentada nos estudos de gramáticos e linguistas, bem como nas teorias e postulados da Linguística Funcional, tal qual apresentam Bybee (2010) Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), Givón (1995), Oliveira (2020) e Rosário (2015, 2022). Além disso, realizamos uma pesquisa de campo que foi fundamental para a obtenção do *corpus* desta pesquisa, a qual desenvolveu-se a partir de uma entrevista informal e semiestruturada com 5 participantes declaradamente membros da comunidade LGBTQIAPN+, no município de Quatipuru-PA. Desse modo, este trabalho contribui, consideravelmente, para o desenvolvimento dos estudos linguísticos, pois permitirá a compreensão de que a língua acompanha práticas sociais, culturais e identitárias, revelando a plasticidade da gramática e entregando que a linguagem, em seu uso real, está diretamente ligada às necessidades comunicativas. Assim, esta pesquisa contribuirá para o caminho de investigação, numa perspectiva funcionalista da língua em sua dinamicidade.

Palavras-chave: Funcionalismo. Quantificadores não canônicos. Comunidade LGBTQIAPN+.

ABSTRACT

This article focuses on the analysis of non-canonical quantifiers employed by the LGBTQIAPN+ community. Grounded in Functionalist Theory, this study aims to present and examine linguistic structures that, within traditional grammar, are not categorized as quantifiers but, in pajubá (a sociolect used by the LGBTQIAPN+ community), have been redefined for communicative purposes. To support this discussion, the research is based on the works of grammarians and linguists, as well as on the theories and postulates of Functional Linguistics, as presented by Bybee (2010), Cunha, Oliveira and Martelotta (2003), Givón (1995), Oliveira (2020), and Rosário (2015, 2022). Furthermore, a fieldwork was conducted, which proved essential for the collection of the corpus, through informal and semi-structured interviews with 5 participants who self-identified as members of the LGBTQIAPN+ community in Quatipuru-PA, Brazil. Thus, this work significantly contributes to the development of linguistic studies by demonstrating that language reflects social, cultural, and identity practices, highlighting the flexibility of grammar and showing that language use is inherently connected to communicative needs. In this sense, the research advances a functionalist perspective of language, emphasizing its dynamism and adaptability.

Keywords: Functionalism. Non-canonical quantifiers. LGBTQIAPN+ Community.

LISTA DE SIGLAS

LGBTQIAPN+ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não binários e Outras identidades dentro da diversidade de gênero e sexualidade

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	10
3. ARCABOUÇO TEÓRICO	13
4. METODOLOGIA.....	18
5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS	21
5.1. Processo da ressemantização	22
5.2. Composicional para não composicional	23
5.3. Inserção de elementos já existentes na língua em outros contextos	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DE TRECHOS DA ENTREVISTA REALIZADA COM MEMBROS DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NO DISTRITO DE BOA VISTA, QUATIPURU-PA	30

1. INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos, em suas diversas manifestações, têm como importante aliado o paradigma funcional em que, diferente do formalismo, estuda e considera a língua como algo vivo, que está em constante mudança e evolução. Nesse sentido, esta pesquisa está voltada para o caráter adaptativo da língua no que tange o seu uso na comunicação, a qual é a manifestação pela qual a variação linguística se efetiva.

Nesse contexto, a linguística funcional nos permite entender como a língua, em seu uso real de fala, é constantemente moldada pelas necessidades comunicativas dos falantes, uma vez que, de acordo com Givón (1995 *apud* Cunha, Oliveira; Martelotta, 2003), ela não é monolítica, o que a torna suscetível a modificações e criações de termos não canônicos que passam a fazerem parte da interação dos falantes. Nesse processo, determinados recursos gramaticais assumem papel central na organização do discurso, entre eles os quantificadores.

Diante disso, motivado pelo alto índice de expressividade em seus discursos, este estudo concentrou-se, especificamente, na interação comunicativa da comunidade LGBTQIAPN+, a qual explora, de maneira substancialmente, a linguagem. Nesse contexto, de acordo com a Cartilha de direitos da comunidade LGBTQIAPN+ (Anamatra, 2024), a sigla LGBTQIAPN+ abrange um movimento social e político pela diversidade de identidades de gêneros e orientações sexuais, representando por suas letras as pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneras e Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não binárias e todas as outras orientações não explicitadas no “+”.

Assim, cada letra representa uma identidade ou orientação que merece respeito, por isso a sigla é expandida e evolui constantemente para incluir a maior diversidade possível de identidades, valorizando e dando visibilidade a grupos historicamente marginalizados.

Para tanto, os membros da comunidade referida são marcadamente criativos e expressivos em suas estratégias linguísticas, o que os levam a modificarem estruturas já disponíveis em nosso léxico ou a criarem novos termos, como os quantificadores não canônicos, por exemplo, que se fazem muito presentes em seus contextos de fala e ajudam tanto na construção de marcadores linguísticos, como na construção de identidades discursivas.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo geral analisar a função e o uso dos quantificadores não canônicos explorados pela comunidade LGBTQIAPN+ a partir da perspectiva funcionalista, destacando a compreensão de que as escolhas linguísticas estão diretamente ligadas ao contexto interacional dos falantes.

Dessa forma, para analisarmos o funcionamento dos quantificadores não canônicos usados pela referida comunidade, consideramos os processos de ressemanticização, perda de composicionalidade e o processo da reciclagem, pelos quais direcionamos a análise dos dados obtidos para uma perspectiva funcionalista. Além disso, a pesquisa foi desenvolvida com base em dados coletados em usos reais da língua, permitindo observar como esses elementos se constroem e se consolidam nas práticas discursivas.

Por conseguinte, no que se refere à estrutura, este artigo está organizado em 6 etapas: a 1ª etapa ficou responsável pela introdução; na 2ª etapa apresentamos o objeto de nossa pesquisa; a 3ª etapa caracterizou-se pelo arcabouço teórico; em seguida, a 4ª etapa constituiu-se em metodologia; a 5ª etapa encarregou-se da análise e descrição dos dados; e por fim, na 6ª etapa expõem-se as considerações finais.

2. APRESENTAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Ao considerarmos que o paradigma funcional aborda variadas vertentes, as quais preocupam-se com as constantes transformações que são causadas na linguagem ao longo do tempo, cabe destacar que este trabalho apresentará o fenômeno de quantificadores não canônicos na língua portuguesa, especificamente, a produtividade deles na comunidade LGBTQIAPN+. Nesse sentido, é importante evidenciar uma discussão que apresente as duas visões que darão base para esse recurso linguístico: A visão dos gramáticos e dos linguistas.

Os quantificadores são elementos linguísticos que exprimem quantidade ou propriedade em um enunciado. No entanto, na tradição gramatical, apesar de apresentarem a ideia de totalidade, parcialidade ou ausência, resumem-se a numerais. Para o gramático Evanildo Bechara, por exemplo, numeral “é a palavra de função quantificadora que denota valor definido” (Bechara, 2009, p. 240). Ou seja, na gramática tradicional, os quantificadores são representados por termos que indicam a quantidade exata de pessoas ou coisas em uma oração, sendo possível sua classificação em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Sendo assim, os gramáticos não consideram os termos linguísticos que são construídos, nas situações reais de uso da língua, para quantificar. Pois, seu foco consiste na função morfossintática dos quantificadores, descartando as questões de natureza semântico-pragmáticas que cercam as construções linguísticas presentes nas línguas naturais. Ou seja, tradicionalmente, os quantificadores são vistos apenas como palavras que informam sobre “quanto” ou “quantos”, uma vez que expressam a quantidade de elementos em um conjunto.

Nesse sentido, cabe destacar, que os numerais cardinais são, tradicionalmente, os mais usados para quantificar, pois são os que se detém na ideia de número exato.

Contudo, Ferrarezi Jr. (2008, p. 128) pontua a respeito dessa restrição aos numerais, alegando que “essa ideia não corresponde à totalidade dos recursos da língua para a representação das quantidades”. Sendo assim, o autor sugere que quantifiquemos para além do sentido cardinal, visto que há, na gama de itens linguísticos, diferentes formas de expressarmos nossa intenção quantificadora. De modo geral, segundo o referido autor:

Nossos sentidos nos informam que as coisas do mundo se apresentam em tamanhos, quantidades, formas, cores etc., etc., diferentes. Todas essas informações sobre as coisas são, para nós, importantes em uma representação, porque dizem respeito à forma como nos relacionamos com esse mundo. (Ferrarezi Jr, 2008, p. 127).

Partindo dessa perspectiva, os linguistas abordam os quantificadores em seu domínio funcional, uma vez que analisam não apenas a sua categoria gramatical, mas também a construção de significados em contextos socioculturais, reconhecendo, assim, a estrutura da língua como multifacetada, o que leva os seus usuários a criarem ou “reciclem” termos linguísticos disponíveis em nosso léxico.

Portanto, acaba-se criando uma extensa lista de expressões que não constituem a esteira gramatical, mas que indicam, através da expressividade, a intensidade que os falantes querem repassar quando quantificam. Nesse cenário, a comunidade LGBTQIAPN+ é um importante exemplo de usuários que fazem uso do fenômeno da reciclagem em seus discursos através do Pajubá.

O pajubá ou bajubá (as duas formas são usadas) é uma linguagem popular usada principalmente pela comunidade LGBTQIAPN+, para se comunicarem de forma códica, divertida e identitária. Assim, de acordo com Andrade e Rodrigues (2023), em “Pequeno vocabulário pajubá palmense”:

O Pajubá tem origem na fusão de palavras provenientes da língua portuguesa com as extraídas dos grupos étnico-linguísticos oriundos da África Ocidental, que foram trazidos ao Brasil para serem escravizados. Também muito utilizado pelos praticantes de vários segmentos das religiões de matriz africana e afro-brasileiras, tais como a Umbanda e o Candomblé, por serem espaços de acolhimento para as minorias, incluindo a comunidade LGBTI+, que passou a adaptar e criar vocábulos em outros contextos no Brasil. (Andrade; Rodrigues, 2023, p. 08).

A partir disso, o Pajubá ganhou força na época da Ditadura Cívico-militar brasileira, onde os membros da comunidade LGBTQIAPN+ passaram a usar códigos linguísticos específicos e termos implícitos para comunicarem-se de forma camuflada para driblar a intensa

repressão ou até mesmo para despistar a presença de alguém indesejado, constituindo, assim, um dialeto de linguagem secreta, cifrada e de resistência.

Sendo assim, o pajubá é mais do que um dialeto, é uma forma de resistência cultural e linguística, é um instrumento de identidade e pertencimento dentro da comunidade LGBTQIAPN+. Por isso, seus falantes são conhecidos, significativamente, pelo uso da criatividade e da expressividade que empregam em suas construções comunicativas, usando termos já existentes e desgastados de nosso léxico.

Assim, seus membros buscam termos que possam ser usados de uma maneira que intensifique a sua intenção de fala e atenda as suas necessidades comunicativas, levando em consideração os aspectos sociais e culturais que, de acordo com Ferrarezi Jr. (2008), interferem diretamente na forma em que esse público quantifica as coisas. Desse modo, no que diz respeito às novas expressões criadas por essa comunidade, os quantificadores não canônicos têm importante frequência em suas estratégias comunicativas.

Nesse contexto, a fim de apresentar o objeto desta pesquisa, que é o domínio funcional dos quantificadores na comunidade LGBTQIAPN+, foi realizada uma entrevista, de forma descontraída, com membros da comunidade, os quais produziram diferentes quantificadores em seus discursos comunicativos. Assim, observa-se na figura 01, termos quantificadores que foram coletadas na conversa em que tive com os falantes da referida comunidade.

Figura 1: Apresentação do objeto da pesquisa



Fonte: Própria da autora (2025)

Diante do quadro acima, pode-se perceber que a comunidade LGBTQIAPN+ emprega variados e inovadores recursos linguísticos não canônicos que constituem o seu dialeto. Por exemplo, no trecho da conversa:

(01) F2: “Se não sair 2 ovos que eu trouxe a mais, eu vou fazer uma rifa no valor de 10 **lágrimas**” (09:58)

É possível observarmos a existência da palavra **lágrimas** transmitindo, metaforicamente, um valor de quantidade, um valor que será sentido no bolso do comprador, o que faz com que se desprenda de seu significado original e seja “reciclada” para um novo fim comunicativo.

Segundo Ferrarezi Jr. (2008), os quantificadores não canônicos surgem das pressões comunicativas que os falantes exprimem, uma vez que eles necessitam de termos linguísticos que impactem a sua mensagem. Todavia, a compreensão desse impacto e dos quantificadores não canônicos só é possível a partir do uso de informações que façam parte da cultura, do conhecimento de mundo ou da identidade de uma comunidade.

Desse modo, ainda de acordo com o linguista, Ferrarezi Jr. (2008, p. 127) alega que “ao falar de quantificadores, portanto, estamos nos referindo a todos os recursos que a língua possui para expressar todas essas formas de quantificação que conhecemos”. Ou seja, a comunidade LGBTQIAPN+ é rica em códigos linguísticos particulares que não fazem parte da esteira gramatical, como as expressões não canônicas e idiomáticas que expressam quantidades e vão além do paradigma de numeral. Esses fenômenos se valem de diversos aspectos sociais e culturais no que tange a construção de quantificadores nas línguas naturais, fato que é imprescindível para dar conta da diversidade linguística que surge cotidianamente.

3. ARCABOUÇO TEÓRICO

É notável que as correntes teóricas estruturalista e gerativista marcaram o século XX com suas contribuições acerca dos estudos linguísticos, pois fizeram-se presentes em importantes pesquisas sobre a língua em um viés tradicionalista. Nesse sentido, reconhecido como representante do estruturalismo, Saussure, em sua dicotomia *Langue x Parole*, desprezou a *parole* (o uso da linguagem na vida social) e estudou a *langue* (o sistema interno da linguagem de cada pessoa) como principal condição para a manifestação da linguagem, priorizando somente as características internas da língua, a qual não dependia do contexto interacional para efetivar-se, uma vez que a definia como um sistema autônomo, separando, assim, a língua da fala.

Chomsky, representante do gerativismo, em sua dicotomia *Competência x Desempenho*, assume uma posição semelhante à de Saussure quando se detém somente na competência (conhecimento da estrutura da língua), desconsiderando o desempenho (utilização da língua em situações reais), pois defende que a língua é uma capacidade inata ao ser humano de adquirir e produzir a linguagem.

Desse modo, observa-se que estas correntes adquirem um valor formalista, visto que se preocupam e priorizam estudar a língua em sua estrutura linguística somente, abandonando os contextos sociointeracionais de comunicação dos falantes, o que conseqüentemente, deixa de fora dos estudos linguísticos os aspectos relacionados à função e foca somente na forma das sentenças.

Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, os estudiosos começaram a perceber a necessidade e a importância de pesquisas voltadas para a fala, para a função, foi então que surgiu o modelo de análise teórica funcionalista. Estes, passaram, então, a se dedicarem aos estudos e pesquisas pelo viés semântico e pragmático.

De acordo com Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), a partir de 1970, o Funcionalismo teve como importante cenário os Estados Unidos, onde ganhou, notadamente, um impulso em seus estudos, visto que os linguistas Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón adotaram esta corrente como “uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (Cunha, Oliveira; Martelotta, 2003, p. 23-24).

Ou seja, o Funcionalismo concebe a língua como um instrumento de comunicação suscetível a constantes mudanças, as quais se tornam necessárias no momento de interação dos falantes que levam em consideração os elementos extralinguísticos na construção de seus enunciados.

Sendo assim, “a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes nos momentos da interação discursiva” (Cunha, Oliveira; Martelotta, 2003, p. 23-24). Dito isto, a língua não pode ser analisada como um objeto autônomo como é defendida no formalismo, pois sua estrutura é moldada pela pressão que sofre para cumprir com a necessidade comunicativa dos falantes em seus diferentes contextos de uso.

Nesse cenário, é importante destacar que “os linguistas funcionais defendem a ideia de que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência.” (Cunha, Oliveira; Martelotta, 2003, p 30). Isto quer dizer que a situação comunicativa que construímos nos diferentes contextos de uso acaba motivando a estrutura gramatical que produzimos, visto que há uma relação entre forma e função chamada *iconicidade*.

Assim, a visão Saussuriana, a qual estabelece a ideia de arbitrariedade no signo linguístico, pois defende que o significado e o significante são escolhidos por convenção, enfatizando que a língua não reflete a realidade, dá espaço ao signo linguístico como icônico, em que os funcionalistas alegam existir uma motivação (semântica, morfológica ou fonética) para que uma expressão ou palavra passe a ter o significado que tem.

Desse modo, a língua já não é mais estática, como defendia Saussure, ela é maleável e está sujeita a diferentes significações que os indivíduos criam para adaptá-la em suas diversas situações de interação que constituem sua realidade.

A partir dos conceitos abordados sobre o paradigma funcional, podemos, de acordo com Rosário (2022), inferir que este se detém na função que a língua tem em seus aspectos sociointeracionais de uso. Assim, para reforçar o conhecimento sobre essa corrente, temos a seguinte afirmação:

A abordagem funcionalista vê a linguagem como um sistema não autônomo, que nasce da necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade, que está sujeita às limitações impostas pela capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento e que está continuamente se modificando para cumprir novas necessidades comunicativas. Para os funcionalistas, o fato de a comunicação ser uma função essencial da linguagem determina o modo como a língua está estruturada. (Augusto; Berlinck; Scher, 2012, p. 225-226).

De modo geral, observa-se que a Linguística Funcional Centrada no Uso (versão mais atual do funcionalismo), detém-se na função da língua em diferentes contextos de interação das comunidades, buscando sempre sanar as necessidades de comunicação dos falantes. Mas como essa necessidade comunicativa dos falantes se caracteriza?

De acordo com Rosário (2015), os falantes são incentivados pelo contexto social que os cercam e nas diversas situações comunicativas que se encontram, fazendo com que sintam a necessidade de buscar, de criar, novos termos linguísticos que se encaixem nas suas interações, sendo, assim, movidos pelo princípio da expressividade. Ou seja, se encaixando na premissa que Givón (1995) apresenta, de que “a estrutura é maleável e não rígida” (Givón, 1995, *apud* Cunha, Oliveira; Martelotta, 2003, p. 28), a expressividade se dá a partir do momento em que uma comunidade precisa modificar a língua para buscar elementos que exprimem o seu desejo no ato de fala.

Assim, seus membros, de forma inovadora, criam, modificam ou reciclam palavras ou expressões para demonstrarem de forma mais expressiva a intenção de seus discursos. Desse modo, a comunidade insere esse novo termo em seu convívio social e seus membros o reproduzem, tornando-os responsáveis pela modulação da língua e pela mudança linguística.

Sob essa perspectiva, Bybee (2010) utiliza, como exemplo, a metáfora das dunas de areia para fazer uma comparação com os processos de mudança da língua. Isto é, a autora tenta explicar que, assim como as dunas, as línguas também têm forma, contudo, por causa da influência de fatores externos, ambas se encontram em constante mudança.

A ideia é que, “apesar das dunas exibirem uma regularidade aparente em sua estrutura, elas mudam continuamente ao longo do tempo, motivadas por forças de natureza interna e externa. Deste modo, a variação não se dá arbitrariamente.” (Domingues, 2022, p. 31). Diante disso, a autora aborda a premissa de Givón (1995) em que “a linguagem é uma atividade sociocultural” (Givón, 1995, *apud* Cunha, Oliveira; Martelotta, 2003, p. 28), uma vez que ela se modifica a partir de elementos externos que fazem parte social e culturalmente da identidade de uma comunidade. Sendo assim, ao contrário do formalismo que faz um estudo sincrônico da língua, o funcionalismo permite que estudemos a língua pelo viés diacrônico, pois a variação linguística se encontra cada vez mais presente na evolução da linguagem.

Discorreremos, agora, sobre os elementos mais específicos que darão base para este trabalho. Nesse sentido, inicia-se a discussão pelo processo de ressemantização, o qual é responsável por adquirir ou atribuir um novo significado a uma palavra ou expressão. Nesse sentido, as expressões idiomáticas são exemplos que demonstram fortemente esse processo, uma vez que são recursos que ultrapassam o seu sentido literal e fixam termos linguísticos que tiveram os seus significados modificados por influências externas de cunho social, cultural e histórico.

Sendo assim, cabe ressaltar que o processo de ressemantização encaixa-se no processo de reciclagem, em que Oliveira (2020, p. 01) diz que acontece quando “tomamos palavras já existentes na língua, com seu sentido básico e original para usá-las com novos sentidos em outros contextos”. Ou seja, o homem muda e, com ele, muda também o ambiente social que o cerca, fazendo com que busque novos meios para suprirem suas diferentes necessidades.

Da mesma forma acontece com seus meios comunicativos, onde o indivíduo reaproveita várias estruturas que já estão disponíveis na língua e atribuem outros sentidos para servirem a outras funções discursivas, de modo que expressem sua intenção nos contextos de usos.

Torna-se relevante, também, destacar que na linguística funcional, as mudanças semântico-pragmáticas podem ser vistas como um processo natural da evolução linguística, pois, como já vimos, são marcadas pela premissa de que a língua não é estática, entregando seu caráter adaptável ao responderem às pressões internas de seus usuários.

Nesse sentido, Rosário (2022), aborda o princípio da composicionalidade, em que, a partir de Traugott e Trousdale (2013), o autor pontua que a compreensão de uma expressão complexa depende da compreensão do significado de suas partes constituintes e da forma que elas estão combinadas.

Isto quer dizer que se soubermos as regras de combinação e o significado das palavras que compõem a frase, seremos capazes de produzirmos e entendermos frases inteiramente

novas dotadas de significado, o que se torna possível por causa do conhecimento prévio que temos de tal palavra.

Para analisarmos o que está sendo dito, observamos o seguinte exemplo: “**Eu li um livro de cem páginas**”. É possível termos a compreensão do enunciado, porque em algum momento o significado de suas partes foi introduzido em nossa comunicação. Isto é, desde a infância, por exemplo, sabemos o que significa ler e que um livro contém conteúdos para serem lidos e, além disso, sabemos também que este é composto por muitas ou poucas páginas, as quais estão sendo explicitadas pelo numeral cardinal “100”. Nesse sentido, a partir da soma de seus constituintes o significado geral da frase torna-se previsível.

Todavia, quando ocorrem mudanças semânticas na estrutura da sentença, os seus constituintes são afetados e comprometem o sentido do todo, tendo, assim, a perda de composicionalidade. Ou seja, quando a relação das palavras é afetada semanticamente, o significado de uma expressão já não é facilmente previsível, mesmo que saibamos o significado das partes que a compõem.

Como por exemplo, na frase extraída do trabalho de Danielle Viana em que se analisou o uso dos quantificadores no Município de Oeiras do Pará: “Ele tira **mina** de lata de açaí na época que dá mais”. O termo **mina** não pode ser compreendido em seu sentido literal, como depósito de minerais ou fósseis, porque a frase não faria sentido. Diante disso, o seu significado não é previsível, pois o termo **mina** sofreu uma mudança semântica que causa uma certa estranheza ou confusão ao ouvinte/leitor, o que exige um certo esforço interpretativo caso este não conheça o seu uso não canônico.

Esse fenômeno pode acontecer em situações de ironia, sarcasmo, ambiguidade, polissemia e metáfora, porém, é muito recorrente, também, nas expressões idiomáticas, em que os seus sentidos não são literais e a compreensão de seus significados não depende da soma dos significados de seus constituintes.

Desse modo, conclui-se que a perda de composicionalidade está diretamente ligada à intenção comunicativa do falante e reforça a presença da pragmática nas construções discursivas, uma vez que leva em consideração que contextos reais podem alterar completamente o sentido de uma frase.

Diante desse cenário, é possível concluirmos que o paradigma funcional contrasta com o viés formalista quando decide estudar a língua, desprendendo-se do viés sincrônico, que foca na estrutura linguística em uma visão estática, e passa a dedicar-se ao estudo diacrônico, o qual refere-se à evolução da língua ao longo do tempo.

Entretanto, Rosário (2022), nos mostra que a Linguística Funcional Centrada no Uso vem considerando cada vez mais esses dois aspectos em uma relação de complementaridade e não dicotômica, dando espaço à pancrônia, que busca estudar a mudança linguística associando aspectos cognitivos e pragmáticos que ajudam no entendimento do porquê que certas formas existem e de como chegaram à forma atual.

Nessa perspectiva, o presente trabalho busca apresentar termos linguísticos que passaram pelos processos discutidos acima e foram modificados para atender às necessidades comunicativas da comunidade LGBTQIAPN+, assumindo valores de quantidades e sendo proferidos de forma mais expressiva por seus membros.

4. METODOLOGIA

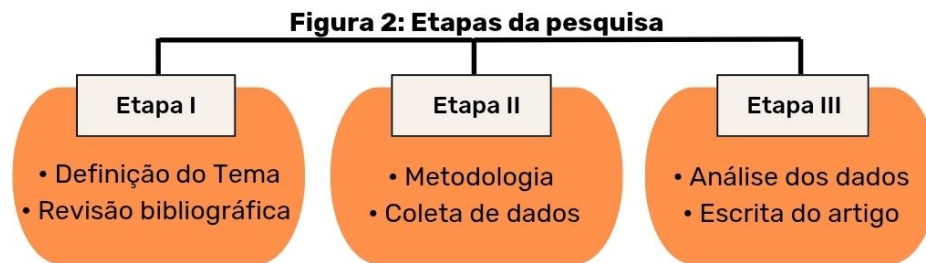
A pesquisa científica segue um conjunto de processos metodológicos disciplinados para investigação e, por ter uma importância significativa, faz-se muito presente na vida de cientistas e acadêmicos pesquisadores. Ela não se limita à coleta de dados ou à formulação de teorias, pois busca explorar fenômenos desconhecidos e, também conhecidos, com o objetivo de achar explicações para tais fenômenos, ampliando o conhecimento humano e a capacidade de buscar soluções para questões complexas. Assim explica Silva (2023):

A finalidade de uma pesquisa científica é adquirir conhecimento, compreender Fenômenos naturais ou sociais, testar hipóteses e contribuir para o avanço do Conhecimento em uma determinada área. Ela busca responder a perguntas, Resolver problemas e investigar fenômenos de forma sistemática e Metodológica, utilizando métodos rigorosos e análise crítica de dados. (Silva, 2023, p. 10 *apud* Dias, 2024 p. 15).

Desse modo, para esta pesquisa utilizou-se uma abordagem qualitativa, que se deu através de uma pesquisa de campo, ambas partindo de um levantamento bibliográfico, o qual, segundo Gil (2002), é de suma importância para a construção do embasamento teórico e científico que constituem um trabalho acadêmico.

Como este trabalho é direcionado para um grupo mais específico (LGBTQIAPN+), fez-se necessária a pesquisa de campo, visto que, ainda de acordo com Gil (2002), esta realiza-se com dados coletados diretamente da realidade de uma comunidade, a partir de técnicas de observação, sem manipulação e de forma natural. Assim, este método permitiu um contato mais direto com a interação comunicativa de seus componentes, sendo possível captar aspectos que não seriam identificados apenas na pesquisa bibliográfica.

Dessa maneira, seguindo métodos que constituem uma pesquisa científica, é possível observarmos na figura a seguir, que o presente trabalho se concretizou dividindo-se nas seguintes etapas:



Fonte: Própria da autora (2025)

Conforme o exposto acima, a figura nos mostra que a pesquisa seguiu três etapas fundamentais para o seu desenvolvimento.

A primeira etapa abarca o pontapé inicial desta pesquisa, uma vez que envolve a definição do seu tema, o qual moldará toda a estrutura do conteúdo que será percorrido. E, a partir desse ponto, inicia-se a pesquisa bibliográfica, a qual permite conhecermos, para o embasamento deste trabalho, gramáticos e linguistas com seus diversos trabalhos e opiniões sobre os quantificadores, utilizando fontes acadêmicas e científicas, para assim, fazermos uma “peneira” para a escolha dos conceitos mais relevantes, sempre direcionando-os para uma abordagem funcionalista, que é a teoria escolhida para a pesquisa.

Na segunda etapa da pesquisa, utilizando uma abordagem qualitativa, definiu-se os métodos para direcionar a coleta de dados. Sendo assim, a coleta iniciou com uma entrevista informal que foi direcionada para um grupo da comunidade LGBTQIAPN+ que, considerando que o dialeto desta é muito diversificado e variável, torna-se importante destacar que a pesquisa de campo foi realizada com residentes do distrito de Boa Vista, Quatipuru-PA, meu município de origem.

Nesse contexto, optamos por uma entrevista semiestruturada a qual, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009 *apud* Viana, 2020) se caracteriza por um roteiro previamente elaborado com perguntas abertas, que tem a intenção de conduzir os falantes para o objetivo desejado.

Feito isto, deixando de lado a estrutura fixa de uma entrevista formal, iniciou-se uma “conversa” em que tentamos seguir um roteiro com assuntos que induzissem os falantes a proferirem os quantificadores não canônicos que nos interessavam. Neste caso, escolhemos como tema da conversa o ‘Concurso intermunicipal de quadrilhas’, que é um evento

significativo que acontece em Boa Vista, e os falantes fazem parte da organização deste. Assim, por ser uma entrevista informal, outros assuntos iam atravessando, de forma espontânea, a interação.

Desse modo, depois de algumas conversas com membros declaradamente participantes da comunidade em questão, foi marcado um encontro com 5 integrantes para a realização da entrevista, a qual ocorreu das 19:00h às 22:00h, do dia 12 de abril de 2025. Antes de iniciarmos, entregamos-lhes o termo de consentimento para que tivessem ciência do que se tratava a entrevista e, através de suas assinaturas, autorizassem a gravação desta, que foi dividida em dois áudios.

Figura 3: Termo de consentimento livre e esclarecido

The image shows two versions of a 'Termo de Consentimento Livre e Esclarecido' (Informed Consent Form) from the 'UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ' (UFPA). The left version is a blank form with fields for 'Nome do Estudante/Procurador', 'Pesquisador Responsável', 'Instituição', and 'Cidade'. The right version is a filled-out form with the same fields and additional text in Portuguese, including a 'Declaração de Consentimento' section and a signature line for 'Prof. Dr. Nelson Duarte Neto'.

Fonte: Própria da autora (2025)

Assim, após uma conversa descontraída e espontânea, coletamos 6 termos (aquê, recorde, milhões, lágrimas, larjam e rim), os quais foram usados pelos falantes com a intenção de quantificar termos não canônicos muito utilizados em seus contextos comunicativos. Sendo assim, a entrevista informal permitiu uma interação mais rica e livre em detalhes e entregou o caráter maleável da língua em seu uso real.

Por fim, a terceira etapa constitui-se com a análise dos dados coletados na etapa anterior, os quais foram escolhidos de acordo com a intenção de quantificar e com a possibilidade de análise sob o viés funcionalista, visto que teriam de ser discutidos a partir dos processos de ressemantização, perda de composicionalidade e reciclagem. O que resultou numa análise

abrangente sobre as alterações e complexidades da língua em sua diversidade. Após este passo, concluindo a última etapa, iniciou-se a concretização da escrita do artigo.

Torna-se importante destacar, que os trechos da entrevista, usados para análise dos dados, estão enumerados como exemplos 01, 02, 03, 04, 05, 06 e 07, bem como os participantes estão referenciados pelas siglas **F1** para o falante 1, **F2** para o falante 2, **F3** para o falante 3, e assim sucessivamente. Constando também, no final de cada exemplo, o tempo em que o diálogo acontece na gravação da entrevista realizada.

Além disso, o interesse pelo tema desta pesquisa despertou-se nas aulas de Semântica e Pragmática, as quais foram ministradas pelo Professor Doutor, e também meu orientador, Robson Rua. Nesse contexto, observando a relação intrínseca entre quantificadores não canônicos e a comunidade LGBTQIAPN+, a qual sempre tive considerada proximidade, destacamos a produtividade de elementos linguísticos presentes no dialeto desse público, tal qual o alto índice de expressividade em seus discursos.

Sendo assim, a pesquisa teve como motivação o uso de um recurso linguístico que não é abordado na esteira da gramática tradicional, mas que tem papel fundamental na comunicação da comunidade em questão. Por isso, espera-se que a pesquisa tenha grande relevância para os estudos funcionalistas, visto que estes, como já visto anteriormente, descrevem a língua como um instrumento de interação social que se molda conforme a necessidade comunicativa do falante, tal como propõe Givón (1995, *apud* Cunha, Oliveira; Martelotta, 2003).

5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

A entrevista informal e de caráter qualitativo usada na metodologia, entregou-nos importante produtividade de elementos linguísticos usados pelos participantes com a intenção de quantificar, no que tange aos 6 dados coletados: 5 ocorrências do termo **aque**, 4 ocorrências do termo **recorde**, 3 ocorrências do termo **milhões**, 3 ocorrências do termo **lágrimas**, 2 ocorrências do termo **larjam** e 1 ocorrência do termo **rim**, os quais foram proferidos através da espontaneidade linguística criada no ambiente da entrevista.

Nesse sentido, a análise dos dados nesta pesquisa, teve como objetivo identificar e interpretar o uso de quantificadores não canônicos em contextos reais de fala, visto que a transcrição dos trechos será analisada, enfatizando o uso de termos criados e termos que têm seu significado marcado no dicionário, mas que são usados frequentemente como quantificadores no pajubá.

Sendo assim, a análise será orientada pela perspectiva funcional da linguagem, já apresentada anteriormente. E, a partir dos processos de análise linguística que permitirão compreender como determinadas expressões quantificadoras operam fora das formas tradicionalmente gramaticalizadas, buscará compreender o funcionamento e os efeitos de sentidos desses quantificadores no discurso dos membros da comunidade LGBTQIAPN+, os quais revelam usos inovadores e contextualmente marcados.

5.1. Processo da ressemantização

Como já vimos anteriormente, a partir de contextos sociais, afetivos e culturais, a comunidade LGBTQIAPN+ recorrentemente atribui novos sentidos às palavras para expressarem sua intenção de fala, o que leva ao uso frequente do fenômeno de ressemantização pela comunidade citada. Nesse sentido, podemos observar como este processo se caracteriza nos dados coletados a seguir:

(02) **F2**: “Ano passado, o evento em si custou... foi uma estimativa no projeto mais de 47 mil **lágrimas**, eu acredito. *Milhões*. E a gente espera, pelo menos, que ele (prefeito) entre, pelo menos, com a metade do *aqué*, né, da premiação.” (07:07)

(03) **F1**: “**Recorde** de quadrilhas, né?”

F2: “Sim, *milhões*. E **recorde** de “fresco”. (01:14)

Embora a palavra **lágrimas** seja associada ao choro e usada para definir a secreção produzida pelos olhos, no exemplo 02, o termo, além de ser substantivo, agora passa a quantificar no dialeto da comunidade LGBTQIAPN+.

O exemplo 02 apresenta um trecho do diálogo em que se falava de custos e um integrante usou a palavra **lágrimas** com a intenção de expressar que o valor investido no evento em questão foi muito alto, que doeu no bolso a ponto de “derramar lágrimas de tristeza”. Ou seja, o substantivo **lágrimas** foi ressignificado para dar conta da intenção comunicativa do falante.

Desse modo, a palavra **lágrimas** afastou-se de seu sentido original e foi ressemantizada, visto que o seu uso na sentença não tratou sobre chorar de verdade, mas sim de quantificar a partir de uma relação metafórica, usando um termo que faz parte do cotidiano

dos falantes. Assim acontece, também, com as palavras **milhões** e **aquele** presentes nos exemplos, porém serão abordadas mais a frente.

Da mesma forma acontece no exemplo 03 com o substantivo **recorde**, em que no uso padrão da língua refere-se ao maior índice ou desempenho alcançado em determinada prática, todavia ela é muito usada no pajubá para quantificar. Assim, o falante não pretende usá-la para se referir a um número mensurável, pois sua intenção é de quantificar algo exagerado, em grande quantidade, atribuindo-lhe um novo valor significativo.

Logo, a palavra **recorde** também sofre um processo de ressemanticização, pois os falantes a empregam para expressarem a grande quantidade de quadrilhas que participam do evento e a grande quantidade de “frescos” que se fazem presentes. Assim, a palavra **recorde** não deixa de ser substantivo, mas passa a cumprir uma nova função no contexto de fala.

Sendo assim, os quantificadores não canônicos **lágrimas** e **recorde** em seus novos valores são reconhecidos e compartilhados entre os membros da comunidade LGBTQIAPN+ o que, conseqüentemente, acaba por marcar suas características linguísticas.

5.2. Composicional para não composicional

Sabe-se que, para termos a compreensão de um enunciado, é necessário sabermos o significado das partes que o compõem. Entretanto, na construção de uma sentença em que há a ocorrência de expressões idiomáticas ou não canônicas, como os quantificadores, o seu entendimento não é realizado tão facilmente, visto que o seu sentido não é proferido de forma literal e a sua compreensão não depende do significado de seus constituintes.

Desse modo, vejamos os exemplos a seguir:

(04) **F1**: “E “*akáissime*” tá vendendo ovo de páscoa da cacau show.”

F3: “Hum, é uma delícia, mas também, custa um **rim**.” (09:15)

No exemplo 04, temos um órgão do corpo humano usado de maneira hiperbólica para quantificar o valor do ovo de páscoa citado no diálogo. Isto quer dizer que o falante, como está posto em Rosário (2015), é movido pelo uso da expressividade e, por isso, usou o termo **rim** para enfatizar exageradamente que o chocolate da marca cacau show é muito caro, portanto, a partir de um processo também metafórico, comparou-o com um rim, o qual tem uma importância e um valor imensurável para o ser humano.

É então que ocorre a perda de composicionalidade, uma vez que a interpretação do enunciado não pode ser feita de forma literal, palavra por palavra, pois na realidade ninguém vende o próprio rim para comprar um ovo de páscoa da cacau show. Desse modo, conseguimos inferir um significado na expressão do falante 3, só por associarmos que um rim, em sua venda clandestina, visto que a venda de órgãos não é legalizada no Brasil, acaba adquirindo um valor muito elevado. Logo, percebemos que as palavras vão ganhando sentido dentro da situação comunicativa, na interação, conforme os seus falantes as empregam.

Nesse contexto, analisemos o exemplo a seguir:

(05) **F1**: “Geralmente, assim, tem muita briga? Tem muita confusão nos eventos?”

F6: “*Recorde!*”

F4: “*Recorde!*”

F2: “**Milhões**, meu amor!” (05:02)

Da mesma forma acontece com o numeral **milhões**, em que no seu sentido literal representa a quantia excessiva de dinheiro. Nesse sentido, embora a palavra **milhões** já tenha um conceito definido no dicionário, o seu uso pela comunidade LGBTQIAPN+ vai além da referência de valor, uma vez que é usada para quantificar qualquer coisa que se refira a quantidade, tornando-se muito recorrente no dialeto da comunidade referida.

É o que acontece no exemplo 05 acima, em que os falantes, além de citarem o quantificador não canônico **recorde** (abordado anteriormente) para enfatizarem que há muita confusão no evento, ainda incluem a palavra **milhões** para reforçarem que há uma quantidade significativa de brigas.

Nesse diálogo, a palavra **milhões** ainda mantém o seu valor numérico, porém, os falantes não usam “dez brigas” ou “cem brigas” para referirem-se a muitas brigas, por exemplo, mas procuram usar termos que quantifiquem de forma intensa o número de confusões, como feito pelos membros da comunidade LGBTQIAPN +.

Sendo assim, a palavra **milhões** se configura mais como um quantificador/intensificador do que um numeral propriamente dito. Além disso passa também a constituir uma frase em que o seu sentido é possível porque não corresponde à soma dos significados de suas partes e nem como elas se combinam, caracterizando, assim, a perda de composicionalidade.

Dessa forma, as palavras **rim** e **milhões** adquirem um sentido subjetivo dentro do processo de interação criado pelos membros da comunidade e, é então, que ocorre a perda de

composicionalidade, porque esta palavra passa a ser ressignificada dependendo do contexto e do uso social para caber na necessidade comunicativa dos falantes.

5.3. Inserção de elementos já existentes na língua em outros contextos

Está previsto para o funcionalismo criar novos rótulos na língua que permitem aos falantes se comunicarem de forma mais expressiva, o que reflete a criatividade linguística e a dinâmica da língua em seu uso social. Nesse sentido, é importante destacar que na comunidade LGBTQIAPN+ esse fenômeno, a fim de evidenciar suas intenções comunicativas, é muito recorrente em suas estratégias linguísticas. Vejamos o funcionamento de novos termos nos diálogos a seguir:

(06) **F1**: “E o **aque**, “*bicha*”, vale a pena?”

F6: “Vale minha irmã, é *recorde* de **aque**. Porque “aquela menina” trabalha, “aquela menina” trabalha 24 horas.” (04:37)

No exemplo acima, observamos o uso do termo não canônico “**aque**”, o qual foi criado pela comunidade LGBTQIAPN+ e inserido no pajubá para referir-se a “dinheiro”. Por isso, o termo é amplamente utilizado na linguagem de seus membros e pode ser compreendido como um novo rótulo criado para atender as necessidades linguísticas e construir identidades discursivas.

(07) **F4**: “Quanto é “*bi*”? queria fazer uma decoração. “Tava” até pensando em fazer os meus 15 anos.”

F1: “Ah, coitada!”

F5: “Depende da decoração, amigo. “Pra” você, como é minha amiga, eu vou fazer 200 **larjan**.” (2:48)

Neste exemplo, temos a ocorrência de um novo quantificador não canônico “**larjan**”, que foi criado para quantificar uma quantia em dinheiro como os 200 reais inferidos no diálogo acima. Sendo assim, o quantificador “**larjan**” é utilizado através de uma junção: NUMERAL+MOEDA brasileira, em que acaba por camuflar o uso do termo “real” em suas sentenças.

Desse modo, a partir da criação das expressões não canônicas **aque** e **larjan**, percebemos que o funcionalismo também propõe a inovação linguística como forma de acompanhar a evolução da língua sofrida tanto pela necessidade comunicativa, quanto pela influência do contexto sociocultural que a cerca.

Nesse viés, embora a língua preveja inovações, estruturas que não existiam de fato no vocabulário linguístico, como os quantificadores “**aque**” e “**larjan**”, os quais adquirem funções identitárias, verifica-se que o falante, muitas vezes, recruta o que já existe na língua, tal como Oliveira (2020) chama de reciclagem linguística. A autora diz que não saímos por aí criando novos termos, de maneira aleatória, geralmente reciclamos palavras, recuperamos formas já existentes para atribuímos uma nova relação semântico-funcional que passarão a ser utilizados em contextos diferentes do seu habitual.

Assim, para analisarmos o que está sendo posto, tomamos como exemplo os quantificadores já comentados anteriormente: **lágrimas**, **recorde**, **rim** e **milhões**. Estes, além de sofrerem um processo metafórico, também passam pelo processo de reciclagem, uma vez que são palavras já existentes em nosso léxico, com os seus sentidos literais, mas que foram ressignificadas ao circularem em um novo contexto discursivo, nesse caso o da comunidade LGBTQIAPN+, e produzirem novos efeitos de sentidos.

Logo, observamos que a comunidade LGBTQIAPN+ faz grande uso da expressividade em seus discursos, o que os levam a criarem novos rótulos linguísticos e reciclarem palavras para um novo fim comunicativo que funcionam como marcadores discursivos, os quais ajudam na construção de identidade da comunidade supracitada.

Dessa forma, conclui-se que a reciclagem linguística se desenvolve com base no funcionalismo, quando assume que a língua não é estática e apresenta-se como uma estrutura que sofre pressões externas. Sendo assim, a reciclagem linguística não só modifica o uso original dos termos, mas permite que os falantes busquem inovar a linguagem e contribuir com a riqueza comunicativa presente na variação linguística.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo foi possível constatar que a língua não pode e nem deve ser estática, pois a sociedade encontra-se em constante mudança e pressiona-a para acompanhar este processo, uma vez que seus usuários sentem a necessidade de termos que deem conta de suas intenções comunicativas, adequando a linguagem, com suas múltiplas manifestações, para acompanhar esta evolução. Ou seja, o homem muda e, com ele, é necessário mudar também o

ambiente socio comunicacional que o cerca, fazendo com que procure novas estratégias linguísticas para acompanhá-lo nessa evolução.

Nesse sentido, a partir dos processos de ressemantização, perda de composicionalidade e reciclagem linguística, a análise mostrou-nos como determinadas estruturas tornam-se quantificadores não canônicos e como são usados pela comunidade LGBTQIAPN+ em seus contextos de fala. Além disso, destacou a relevância da presença da semântica e da pragmática nos processos de construções discursivas, já que a relação desses fenômenos está diretamente ligada à compreensão da variação linguística.

Ademais, a pesquisa apresentada revelou não somente a flexibilidade da língua diante a necessidade de mudança, mas também a capacidade de criatividade linguística que os membros da comunidade LGBTQIAPN+ dispõem para criarem termos e ressignificarem estruturas já disponíveis em nosso léxico para um novo fim comunicativo, neste caso, para quantificadores não canônicos, os quais entregam o alto índice de expressividade que seus usuários empregam em seus discursos.

Dessa forma, a perspectiva funcional, permitiu analisarmos a língua como um instrumento de interação social e compreendermos determinados mecanismos que sustentam a vitalidade e a inovação linguística. Para tanto, o trabalho em questão contribui para os estudos funcionalistas ao destacar o papel dos quantificadores não canônicos, em seus usos e funções, na dinâmica de comunicação da comunidade LGBTQIAPN+.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Karylleila dos Santos; RODRIGUES, Paulo Ricardo Aires. **Pequeno Vocabulário Pajubá Palmense**. Editora Scienza. São Paulo. 2023. Disponível em: <https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf>. Acesso em: 7 out. 2025.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS MAGISTRADOS DA JUSTIÇA DO TRABALHO (ANAMATRA). **Cartilha de Direitos da Comunidade LGBTQIAPN+**. [S.l.]: Anamatra, 2024. Disponível em: https://www.anamatra.org.br/images/LGBTQIA/CARTILHAS/Cartilha_Comissao_LGBTQIAPN_20240621.pdf. Acesso em: 7 out. 2025.
- AUGUSTO, Marina R. A; BERLINCK, Rosane Andrade; SCHER, Ana Paula. Análise do discurso. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2012. Cap. 6, p. 225-226.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Ver., ampl. E atual. Conforme O novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.
- DIAS, Joice Martins. **[(Tô) te falando]: Uma análise funcionalista do fenômeno de afirmação no português brasileiro**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Ciências da Linguagem, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2024.
- DOMINGUES, Rosania Gomes da Silva. **Aspectos interculturais nos usos dos verbos *pegar e tomar na voz da mulher do povo*, Cora Coralina**. 2022. Dissertação (Programa de pós-graduação em língua, literatura e interculturalidade – nível Mestrado), Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2022.
- FERRAREZI JR, Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios de. **Do corpo para a mente: o caminho do concreto ao abstrato na linguagem**. Roseta, v. 3, n. 1, 2020.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Sintaxe Funcional. *In*: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENEDY, Eduardo (orgs.). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Introdução à Linguística Funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022.

VIANA, Danielle de Melo. **O uso de quantificadores na modalidade oral no município de Oeiras do Pará: Uma abordagem funcionalista.** 2020. Faculdade de Linguagem, Universidade Federal do Pará, Tocantis/Cametá, 2020.

**APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DE TRECHOS DA ENTREVISTA REALIZADA
COM MEMBROS DA COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NO DISTRITO DE BOA
VISTA, QUATIPURU-PA**

Áudio 01:

34:13 - **F2**: “Sabendo que a gente poderia correr o risco, né? Porque é muita ajuda para “aquelas meninas” e tudo. Aí, somando o estilo do *aqué* né, dos valores altos, né?”

01:14 - **F1**: “E geralmente, quantas quadrilhas, assim, se inscrevem?”

F2: “No máximo acredito que umas 22 e com os contratemplos aparecem 15.”

F1: “*Recorde* de quadrilhas, né?”

F2: “Sim, *milhões*. E *recorde* de “fresco”.”

03:16 - **F2**: “Digo que todo pai de família vende o seu pouquinho, faz um “ag1” nas barracas, né. Vários “ag1”, guloseimas, né? Então atrai bastante *aqué*. Os “ratos” funcionam, né!?”

05:02 - **F2**: “Eu acredito que esse ano vai ter uma mega proporção de procuras de quadrilhas, principalmente de “frescos”, vai vim muito. Vai vim mais caravanas ainda, *recorde*, da Record, *milhões*.”

07:07 - **F2**: “Ano passado, o evento em si custou... foi uma estimativa no projeto mais de 47 mil *lágrimas*, eu acredito, *milhões*. E a gente espera, pelo menos, que ele (prefeito) entre, pelo menos, com a metade do *aqué*, né, da premiação.”

08:31 - **F1**: “Tem que ser um prêmio bom, né? Que faça jus ao evento, né?”

F2: “Sim a estimativa seria pra... eu acredito que a premiação desse ano possa voltar para 20 mil *larjan*, né.”

09:15 - **F1**: “E “*akáissime*” tá vendendo ovo de páscoa da cacau show.”

F3: “Hum, é uma delícia, mas também, custa um *rim*.”

09:58 - **F2**: “Eu pensei nisso. Não, é sério! Se não sair 2 ovos que eu trouxe a mais, eu vou fazer uma rifa no valor de 10 *lágrimas*.”

Áudio 02:

02:48 - **F4**: “Quanto é “*bi*”? queria fazer uma decoração. “Tava” até pensando em fazer os meus 15 anos.”

F1: “Ah, coitada!”

F5: “Depende da decoração, amigo. “Pra” você, como é minha amiga, eu vou fazer 200 *larjan*.”

04:37 - **F1**: “E o *aque*, “*bicha*”, vale a pena?”

F6: “Vale minha irmã, é *recorde* de *aque*. Porque “aquela menina” trabalha, “aquela menina” trabalha 24 horas.”

05:14 - **F1**: “E quanto é a “*facada*”, lá, do aluguel?”

F6: “Mana, é 200 *lágrimas*. Sim, olha fiquei passada!”

F4: “E só é um *quartinho*, né?”